

A família entre a cultura e a subjetividade atual: o papel do amor¹

Gisela Haddad

Gisela Haddad é psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela Unimarco, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autora do texto “Amor e fidelidade: sobre a vida amorosa na atualidade”, in Alonso, S. L., Breyton, D. M., Albuquerque, H., *Interlocuções sobre o feminino, na clínica, na teoria, na cultura* (Escuta, 2008).

Resumo Este trabalho pretende refletir acerca dos novos arranjos familiares, tema paradigmático na atualidade, relacionado ao futuro do que se considera ser a base da organização social, responsável pela transmissão e inserção dos seres humanos na cultura. Através de uma visão histórica das mudanças socioculturais e os efeitos delas nas normas, valores e estilos de viver, tentaremos abordar as transformações ocorridas na construção das uniões conjugais e das novas maneiras de ser pai ou mãe.

Palavras-chave modernidade; família; amor; subjetividade; cultura.

O trabalho de Foucault é hoje uma referência para pensarmos a contextualização histórica e social da experiência humana e das verdades e crenças que dão sentido às relações dos sujeitos consigo, com os outros e com o mundo. Não sendo a subjetividade nem universal nem prévia, torna-se necessário analisar os mecanismos de sua construção dentro de determinada época para saber sobre a constituição dos estilos de existência, das estruturas sociais que sustentam os sujeitos e das relações de poder que os dominam. Para Foucault (1998)², é sobre essas formas de poder que se produzem campos de resistência, que na modernidade concentram-se na esfera subjetiva. A psicanálise freudiana protagonizou uma leitura inédita e subversiva das experiências subjetivas de seu tempo ao dar sentido a sintomas psíquicos perturbadores, revelando um cenário de fantasias humanas nem sempre sensatas ou coerentes e desvendando um sujeito dividido entre seus desejos e as exigências e proibições de sua cultura.

Nas últimas décadas, a cultura ocidental foi palco de intensas mudanças e invadiu quase todos os setores da vida humana. Seus ícones passaram a ser temas de pesquisas de diferentes áreas de conhecimento, que não só reconhecem sua importância e sua permanente transformação, como buscam refletir sobre seus novos paradigmas. Tema privilegiado pela sociedade ocidental, a família, ícone cultural por excelência, tem sido alvo de estudos interdisciplinares que buscam constituir um saber a respeito de seu sentido e função na era contemporânea. Lugar especial no qual o bebê humano nasce, é

1 Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional sobre o Bebê, Nascimento – Antes e Depois – Cuidados em Rede, realizado no Rio de Janeiro em maio de 2008.

2 Além dos textos originais de Foucault, História da Sexualidade I, recomenda-se o texto de Bezerra Júnior “A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea” (2000).



*o modelo familiar
que conhecemos surge
em meio à euforia do projeto
civilizatório iluminista, e teve
em Rousseau seu maior
idealizador.*

82

PERCURSO 41 : dezembro de 2008

cuidado, satisfaz suas primeiras necessidades, efetua seus primeiros intercâmbios afetivos e é objeto de investimento amoroso, a família reúne um sistema de relações simbólicas e emocionais que lhe asseguram o lugar de importante núcleo de produção de subjetividade. No último século, este núcleo familiar viu-se atropelado por mudanças culturais importantes e por novas possibilidades que a ciência produziu.

Os avanços das biotecnociências foram responsáveis por uma reviravolta no processo da reprodução humana, provocando uma revolução no próprio conceito que designava até pouco tempo a união, reconhecida e apoiada pela sociedade, entre um homem e uma mulher com fins de criar e manter os filhos. Mudanças nos papéis tradicionais de pai e mãe, de homem e mulher, bem como na gestão da autoridade, na educação e transmissão dos valores e normas para as novas gerações produzem discursos às vezes alarmantes, às vezes nostálgicos, diante de um futuro que se apresenta incerto. Este texto pretende refletir sobre essas mudanças através da articulação entre a cultura e a produção de subjetividade na atualidade e analisar as regras e normas que hoje orientam e regulamentam a vida familiar ocidental e sua absorção de tais

mudanças. Para isso, partiremos de uma breve revisão da história da família moderna, ressaltando o valor do amor na constituição de um novo modelo familiar e de uma particular subjetividade que passa a existir a partir da Modernidade.

Após as revoluções burguesas do século XVIII, o espírito moderno apostou que a razão soberana igual para todos pudesse assumir o exercício de organizar as condutas e os consensos necessários ao convívio humano. Mas a tarefa de nos livrarmos das hierarquias pré-estabelecidas e exaltar o indivíduo como membro de uma humanidade comum se mostrou lenta e árdua, além de produzir inúmeros restos. O modelo familiar que conhecemos surge em meio à euforia do projeto civilizatório iluminista e teve em Rousseau seu maior idealizador. Tal projeto englobava uma proposta filosófica e política para a sociedade burguesa que pretendia fazer do amor apaixonado a base da construção da família, o que significava integrar a sexualidade ao amor e ao casamento. Bem recebida na época pelos literatos em geral, tal composição não só se alinhava aos anseios de autonomia dos indivíduos como previa um arranjo conjugal em que a sexualidade ganhava legitimidade. Mas a pesquisa realizada por Gay³ sobre o século burguês denuncia como a imaginação da época vai ficar capturada pelo componente físico da vida erótica e das estratégias de conquista sexual, com suas promessas de êxtase. Para a sociedade burguesa de então, era necessário que a bandeira do amor servisse de norte para os excessos do sexo e não faltava literatura cuja finalidade era a de mostrar os destinos trágicos do apaixonamento quando este não se enquadrava na construção da família. O amor poderia incluir os suspiros do sexo, mas deveria seguir um percurso de sensatez e atender os compromissos de criação dos filhos, reprodução da família e formação do cidadão. Era este o cenário em que a dupla moral burguesa denunciada por Freud⁴ expunha as limitações impostas pela cultura à satisfação sexual, principalmente das mulheres, chama-

das a privilegiar seu papel de mãe. A literatura romântica da época era pródiga em incentivar o amor como remédio aos excessos do sexo, prescrevendo destinos trágicos às paixões que se afastavam dos moldes previstos pela família burguesa. Grande parte dos romances narravam histórias de amor em que os sentimentos de angústia e de sofrimento vividos por seus protagonistas giravam em torno de um único objetivo: a realização do ideal de amor. Esse repertório literário se alimentava da idealização romântica do amor ao mesmo tempo que propiciava cenários de encontros e experiências amorosas cujas paixões e desesperos passam a colorir as fantasias humanas. As narrativas românticas se encaixavam na ideologia individualista em curso e ajudavam a criar uma interioridade psicológica com identidades fundadas em sentimentos íntimos, o que produzia uma subjetividade e uma experiência amorosa inédita. Nascia um novo conhecimento, uma ciência do homem, de suas particularidades e singularidades, expressa por uma nova linguagem, auto-referente, com sujeitos capazes de falar de si.

O amor romântico se consolida em um ideal reverenciado pela sociedade, suporte deste modelo de família e parte de um horizonte futuro da vida de cada um, uma aspiração poderosa que acenava com a possibilidade de uma felicidade humana terrena em contraposição aos antigos ideais religiosos. Também inaugura uma convivência familiar mais centrada em seu núcleo pai-mãe-filhos, transformando-se em uma fortaleza afetiva restrita, o que funda a vida privada e íntima, característica da era burguesa.

Como bem aponta Roudinesco⁵, os casamentos realizados por amor começam a apresentar, a longo prazo, um esgotamento do desejo e um desencantamento do sexo, dando

3 A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud, vol. 2, A paixão terna, p. 47.

4 S. Freud, “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, p. 180.

5 E. Roudinesco, “A família em desordem”, p. 106.

6 P. Ariès, “História social da criança e da família”.

»
*o amor materno passa a ocupar
um espaço jamais conquistado
anteriormente na história
da humanidade, e seu
corpo é alçado ao lugar
de um paraíso originário*

margem ao surgimento de uma relação muito próxima entre mãe e filho. O bem-estar familiar gira em torno desse ninho e à mulher resta o papel de mãe que ganha as atenções e a reverência da sociedade. O amor materno passa a ocupar um espaço jamais conquistado anteriormente na história da humanidade, e seu corpo é alçado ao lugar de um paraíso originário. O ocidente passa a cultuar a imagem da Virgem Maria e de seu filho como símbolos da maternidade. Tal reverência à maternidade ajuda a incrementar a figura mitológica da *sagrada família* moderna e, de mãe para filha, o modelo materno adquire uma áurea própria: ao se casar e ter filhos, a mulher se despoja de sua humanidade, recebe o cetro e a coroa e desfruta de seus poderes maternos. Aos poucos a mulher-mãe se torna condição de sobrevivência, indispensável ao desenvolvimento e à educação dos futuros homens. Mas se a influência materna passa a ser decisiva para a criança, os desvios e falhas infantis passam a ser fracassos de sua função de mãe.

Estamos diante do momento histórico⁶ em que a infância moderna se instala em um propósito entre a idéia de um tempo feliz protegido pelo amor dos pais, mas principalmente pelos cuidados de uma mãe amorosa, e a preocupa-



*nascida no caldo cultural
moderno, a psicanálise passa
a desvendar este particular contexto
familiar e a complexidade
das subjetividades
de seus membros*

84

PERCURSO 41 : dezembro de 2008

ção social em produzir cartilhas e especialistas que preenchessem quaisquer limites ou insuficiências da vida familiar. É assim que no plano social inicia-se a interferência pública nos cuidados e proteção à criança, promovendo o desenvolvimento de uma infinidade de setores que, de forma gradual, passam a oferecer saberes considerados mais adequados ao desenvolvimento do futuro adulto.

Seguindo Foucault⁷, a organização patriarcal da sociedade, herança do poder soberano, que mantinha a hierarquia entre os gêneros, passa a conviver com uma nova maneira de poder, um poder disciplinar, mais coerente com a ideologia de liberdade, igualdade e autonomia do individualismo social em andamento. Tal poder se dispersa pelos múltiplos setores da cultura (mídia, publicidade, escola, empresa etc.) e subverte o permitido e o proibido, estimula o sexo e os prazeres e funda novas regras e normas de controle sobre a vida dos indivíduos. É esse biopoder que vai lentamente invadir a vida privada familiar, oferecendo alternativas de cuidados *mais adequados e saudáveis* para seus membros. As normas e os valores patriarcais perdem sua potência na medida em que o indivíduo passa a ser o objeto de novas estratégias políticas

que visam proteger e melhorar as condições da vida de cada um. Novas normas e parâmetros são fixados, novas verdades e estilos de viver aos quais os indivíduos precisam se ajustar para serem reconhecidos, aceitos e desejados.

Na intimidade da família nuclear, o amor se mantém como item importante na constituição e na regulação das relações entre os homens e as mulheres, mas também se articula a um estreitamento do vínculo entre a mãe e a criança e inaugura um prolongamento do ideal de amor e felicidade irrealizável na aspiração de um tempo feliz e perdido. Os filhos passam a representar a esperança da realização da felicidade almejada pelos pais. O amor dos pais a seus filhos sustenta-se nesta possibilidade de vê-los transformarem-se na imagem de felicidade idealizada por eles. Surge assim um circuito amoroso fundamental para a subjetividade moderna.

Além da infância, o casamento entre o amor parental narcísico e o individualismo moderno produz outro fenômeno social importante, a adolescência, que surge no pós-guerra como depositária idealizada dos atributos de coragem, alegria e esperança e inaugura um tempo em que a felicidade, o prazer e a boa vida serão admitidos e depois incentivados, entre a infância e a idade adulta⁸.

Nascida no caldo cultural moderno, a psicanálise passa a desvendar este particular contexto familiar e a complexidade das subjetividades de seus membros, ao revelar os bastidores conflituosos das relações entre mãe, pai, filhos e filhas e o lugar privilegiado das funções parentais na constituição do psiquismo humano. O momento amoroso da infância, graças aos cuidados e reverência dos pais, passa a ser considerado de suma importância para a emergência psíquica do bebê, mas é esperado que ainda no seio familiar ele possa ser confrontado com sua humanidade: aceitar não ser rei, não ser único e nem desfrutar da exclusividade amorosa que imaginava. Tarefa das mais difíceis, será entre a ameaça de perder e o desejo de obter novamente este lugar privilegiado e exclusivo, que a criança

deverá abrir mão desta importante ilusão de ser amada incondicionalmente para dar lugar às infinitas condições a que ela terá de se submeter mas que tentará evitar. É nesse jogo amoroso singular que ela construirá sua subjetividade. A lembrança desse amor incondicional imaginado permanecerá na aspiração de um reencontro amoroso futuro. O ideal de amor romântico se incorpora à subjetividade moderna, fundando um ideal para o eu⁹. Sabemos o quanto, ao longo do último século, a sociedade ocidental tornar-se-á militante do amor, cujo argumento revolverá normas, valores e leis.

À medida que aumentam os saberes sobre o humano, as funções parentais tornam-se maiores e mais complexas. Além de se responsabilizar pelo fato físico do nascimento, os pais devem reconhecer sua criança, dar-lhe um nome e uma filiação, cuidar de seu sustento, educação e saúde, proporcionar-lhe um espaço de convivência em que sua subjetividade se constitua e cumprir a função simbólica de transmissão dos valores, normas e interditos da cultura.

Embora essa célula familiar moderna assuma um papel primário na transmissão da cultura e das gerações, ela é ao mesmo tempo fonte de normalidade e das piores patologias, o que faz com que as funções parentais se tornem cada vez mais alvo de cuidados públicos. Do ponto de vista social e ao longo do tempo, tais funções migram gradualmente do espaço privado ao público. Na tentativa de manter esse modelo idealizado, a família se torna um centro irradiador de demandas de estudos e pesquisas que visam conhecer suas características e especificidades para criar todos os tipos de serviços, cuidados e proteção que garantam seu bem-estar, ou técnicas e projetos que auxiliem o desenvolvimento de seus membros.

Essa passagem da função da parentalidade ao espaço público acontece em concomitância

7 M. Foucault, *op. cit.*

8 C. Calligaris, *Adolescência.*

9 G. Haddad, *Reflexões sobre a manutenção do ideal de amor romântico na atualidade: um estudo sobre a fidelidade conjugal.*

»
*o ideal de amor e sexo
não cessa de alimentar o imaginário
cultural e se mantém ansiado
por homens e mulheres*

ao desenvolvimento das ciências e de outros saberes que passam a assumir parte das funções de cuidados dos infantes, e de leis que garantem à criança esta tutela ou cobram dos pais seus deveres e obrigações. Ao ser invadida pelo olhar público, a estrutura familiar burguesa revela seu avesso e sua fragilidade. Em meio à movimentação dos setores da sociedade que buscam corretivos, a psicanálise segue revelando seus descompassos. Por ser uma sociedade centrada na autoridade patriarcal, as leis de recato sexual tinham o objetivo de regulamentar principalmente a vida erótica das mulheres, já que qualquer exposição de sua sensualidade era motivo de desconforto. Além de serem mães por *vocação natural*, seus desejos sexuais deveriam ser limitados pelas vicissitudes desta função. Ao escutar as histéricas, Freud desvenda uma subjetividade que não confirma tal *natureza feminina*.

O ideal de amor e sexo não cessa de alimentar o imaginário cultural e se mantém ansiado por homens e mulheres. Tal fato contribui para o surgimento de novas perspectivas para se questionar as maneiras de amar, as transformações do erotismo, as práticas sexuais condenadas, a prostituição e as restrições impostas aos sexos. A psicanálise bebe desse momento



*no pensamento moderno,
deveria caber a cada indivíduo
construir seu próprio destino
e seu próprio eu, rumo a um
futuro que não dependeria
mais dos deuses*

86

PERCURSO 41 : dezembro de 2008

cultural e ajuda a retirar o tema da sexualidade dos bastidores da vida humana. Entre outras coisas, a falsa moral burguesa escondia o medo e a preocupação cultural com a incapacidade dos homens para gerenciarem o controle sobre seus impulsos sexuais e agressivos. Ainda que lentamente, começa a haver uma subversão das mitologias naturalistas da diferença entre os sexos, fazendo cair por terra o instinto maternal e a raça feminina. O tabu da virgindade feminina¹⁰ revela o temor de ambos os sexos em relação à passagem da menina à sua condição de mulher sexuada. A preocupação social da época em adestrar o corpo e a sexualidade feminina para a procriação e para o casamento abrigava uma tentativa de evitar um excesso sexual perturbador e temido. Acresce-se a isso que a complexidade da relação dos homens com a figura da mãe-mulher, no melhor dos casos, produzia uma separação entre a mãe virgem e pura de um lado e a mulher sensual e sexuada de outro¹¹.

No plano do conhecimento humano, o século XIX vivia um embate entre o legado das tradições e as rupturas a estas que não cessavam de se suceder. Reinava o pensamento crítico, as idéias de progresso e renovação e o desejo de se libertar do obscurantismo e da ignorância pela

difusão da ciência e da cultura em geral. Tal efervescência gerava a produção de discursos médicos, psicológicos, jurídicos, políticos e religiosos que pretendiam ora analisar ora criticar a convivência de valores antagônicos e moralistas ou criar novos discursos que respondessem aos alardes das mudanças reivindicadas pelas gerações que se sucediam às antigas.

Por seu lado, a psicanálise ampliava seus saberes sobre a construção de uma interioridade psíquica cujo personagem principal era a complexa e enigmática sexualidade humana, com destaque para seu papel no interior da família, na constituição psíquica da criança e dos conflitos vividos nas tramas amorosas da infância. O amor dos pais, tão reverenciado, precisava existir na justa medida entre os cuidados e a erotização do corpo infantil responsável pelo anseio de viver e ser amado, e certas rupturas de um estado fusional e primitivo com a mãe, que o auxiliassem a entrar no mundo simbólico e partilhado da cultura, carregando o legado das aspirações parentais e das crenças, ideais e proibições vigentes no discurso social. Nasce o sujeito dividido entre o que ele quer, o que ele teme e o que a cultura lhe permite e oferece. O conflito entre a necessidade de amparo e amor e o anseio de separação e independência ocupa o centro da constituição desta subjetividade moderna, uma *subjetividade amorosa*.

No pensamento moderno, deveria caber a cada indivíduo construir seu próprio destino e seu próprio eu, rumo a um futuro que não dependeria mais dos deuses. A aposta no futuro passa a significar uma aposta em novos sentidos para a existência humana que acenem com uma maior satisfação, prazer e conforto. A conquista desta individualidade autônoma dentro do círculo doméstico começa a se dar à medida que o poder familiar vai se restringindo e os interesses pessoais aumentando em consonância com uma exigência de simetria entre os pares conjugais. Aos poucos, as mulheres vão ganhando espaço público e, com o advento dos métodos anticoncepcionais, conquistam o direito ao amor livre,

ao aborto e ao divórcio. Homens ou mulheres, cada um se torna o único ou o principal regulador de suas práticas afetivo-sexuais, assumindo a liberdade para experimentá-las e gerenciá-las. Sem as amarras das regras de aliança, homens, mulheres, homossexuais ou não, começam a formar seus pares fundados somente em escolhas amorosas e mantidos por acordos e negociações. Tal liberdade incide tanto nas escolhas dos parceiros quanto nas decisões de interrupção das relações quando estas se mostram impossibilitadas de cumprirem os acordos estipulados.

Muda a realidade social, despontam novos modelos de convivência e novos repertórios de condutas. A formação dos pares conjugais torna-se independente do sexo ou da orientação sexual de cada um. Resultado de um movimento de desvencilhamento da tradição e das regras coercitivas sociais, ao manterem apenas o amor como eixo central de suas escolhas, estas novas parcerias inauguram uma nova ética e estética do convívio amoroso e embarcam em uma aventura incerta. Com relações amorosas mais efêmeras, os indivíduos passam a formar mais de um vínculo conjugal durante sua vida, o que altera a constituição dos agrupamentos familiares e a convivência entre os pais que geram e os que cuidam e os filhos legítimos ou adotivos.

Os métodos anticoncepcionais e a biogenética rompem a antiga junção casamento-sexo-procriação. A concepção não decorre somente do contato sexual. Não é mais necessário estar casado ou ter um cônjuge para ter um filho. As uniões homoafetivas não só têm o reconhecimento social como podem adotar filhos ou mesmo concebê-los e assumirem uma função parental.

A partir dos novos casamentos que cada um dos pares pode fazer e dos novos filhos desses novos casamentos, os núcleos familiares precisam receber os filhos de um ou ambos os integrantes de um novo par, provenientes de

10 S. Freud, "O tabu da virgindade".

11 S. Freud, "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor".

»
*os métodos anticoncepcionais
e a biogenética rompem a antiga
junção casamento-sexo-procriação.
A concepção não decorre somente
do contato sexual*

um vínculo anterior, promovendo a fusão de duas ou mais famílias às vezes com características e modos de vida diferentes. São códigos, regras e estilos de parentalidade diversos. Uma criança pode pertencer simultaneamente a mais de um grupo familiar e sua circulação entre eles pode ser constante e organizada ou irregular e informal. Alguns núcleos formam redes em que convivem ex-cônjuges, antigos e novos avós e tios, novos irmãos, enteados, padrastos e madrastas.

A filiação passa a não ser mais definida pelos laços sanguíneos, legais ou residenciais, e sim por uma filiação social ou sócio-afetiva, fundando um grupo doméstico cada vez que em uma casa se juntam o novo casal e os filhos de um, de outro ou de ambos. Ser pai ou mãe, ou exercer uma função de parentalidade, depende apenas de um comprometimento. O lugar do pai e da mãe não tem que ser necessariamente ocupado nem pelos pais legítimos nem por um homem e por uma mulher, assim como a *função paterna* ou *função materna* não implicam a presença de um homem e de uma mulher.

As relações familiares se horizontalizam e provocam maior proximidade entre as gerações nos modos de existir, desconstruindo as antigas



*na cultura atual, o amor
se tornou o eixo central da vida
e das escolhas dos indivíduos,
e o ideal de amor romântico
ganhou novas roupagens*

88

PERCURSO 41 : dezembro de 2008

atribuições de poder e autoridade. Ao se tornar preferencialmente uma tarefa amorosa, o exercício da função parental impõe uma nova forma de convivência entre pais e filhos. O bem-estar dos filhos se torna um ideal importante para seus pais. Mais atenciosos, disponíveis e compreensíveis, o imperativo de amá-las que decorre da necessidade narcísica de vê-las felizes provoca não só angústia e culpa se o sentimento de seu amor for insuficiente, como enche os pais de incertezas em relação ao seu papel de transmissores de valores e normas, quando este exercício significa frustrá-los. Qualquer obstáculo real ou imaginário que se oponha ao ideal de felicidade imaginado para os rebentos causa desconforto quanto às direções das tarefas educativas ou a assunção da dessimetria da função parental. Por outro lado, o alto valor narcísico atribuído aos filhos cobra seu preço nas expectativas de que estes sejam perfeitos e sem falhas. Muitas vezes, por ocupar este lugar de espelho narcísico e de produção de satisfação para os pais, os filhos ficam sem um lugar de verdade, aquele que cada um precisa buscar para si no mundo adulto, das leis e normas da sociedade em que vive.

O individualismo social promove indivíduos autônomos necessariamente narcísicos, diz Calli-

garis¹². Sua consistência subjetiva, mais livre das obrigações simbólicas e sem o peso da herança dos valores e tradições da família e da cultura, é fruto de contínuas tentativas de se manter desejável aos olhos dos outros. O momento narcisista de sua constituição subjetiva, definido como a condição em que toma a si mesmo como objeto de amor, fica vinculado a uma superestima parental. É ela que o faz especial, inteligente e desprovido de defeitos. Esse amor do narcisismo parental, produto de suas aspirações não realizadas (ideal do eu), será o responsável pela idealização que cada um fará de si mesmo – seu eu ideal. Instala-se um circuito amoroso em que o ideal de eu, como instância narcisicamente investida e voltada para os futuros interesses no mundo e na cultura, contém em sua origem o desejo de ser dos pais. É assim que o ideal de eu torna-se o meio pelo qual os indivíduos se relacionam mutuamente em busca de aceitação, reconhecimento e proteção. A tarefa amorosa da subjetividade atual se confunde com o esforço de cada um em coincidir com a imagem que possa satisfazer primeiramente aos pais e depois aos outros. Esta maneira de existir, ansiando ser amado e admirado pelos outros, cria demandas para que a cultura favoreça dispositivos que auxiliem a enfrentar a precariedade e a centralidade da presença deste amor. Diante das dores de amor, será necessário buscar saídas alternativas ao submetimento, à alienação ou à adição.

Na cultura atual, o amor se tornou o eixo central da vida e das escolhas dos indivíduos, e o ideal de amor romântico ganhou novas roupagens. Se no tempo de Freud¹³ a cultura cerceava o indivíduo impedindo a satisfação de suas pulsões sexuais e agressivas, a sociedade atual cultua a liberdade individual como valor absoluto e hegemônico e estimula a busca do prazer. As formas de amar, sua ligação ou não com o sexo, com o casamento ou com a felicidade, fazem parte dos valores morais que na modernidade mantêm uma parceria exitosa com a literatura, o cinema e a música, os quais refletem e produzem repertórios amorosos (conjugais ou fami-

liares) e ajudam a compor o imaginário popular. Se a literatura romântica da era burguesa exaltava o amor a fim de evitar os excessos de uma sexualidade enigmática e temida, a incorporação do saber sobre o sexual, inclusive os difundidos pela psicanálise, permitiu à cultura contemporânea separar amor e sexo e despojar o amor de sua idealização anterior, ainda que apostando no seu valor de felicidade. O conflito entre pulsões sexuais e repressão cultural que produzia sujeitos inibidos e recalcados dá lugar a sujeitos que buscam o prazer sem culpa, mas oscilam entre potência e impotência diante dos múltiplos mandatos culturais com que deparam e que anseiam cumprir para serem reconhecidos.

A fabricação do sujeito moderno está intimamente ligada à sua singularização, base e convicção do individualismo como ideologia. As muitas dimensões do individualismo que se configuraram na época atual questionaram todo e qualquer constrangimento social, com destaque especial para as questões sobre a sexualidade e a autoridade patriarcal. Na contemporaneidade, a formação de pares conjugais e o exercício da tarefa parental elegem o amor como principal e às vezes único critério. É o amor dos pais que produz uma confirmação narcísica, promove a erotização do corpo e *inventa* a criança perfeita, a qual por identificação constrói seu eu ideal. É este eu que ela vai amar que dará uma representação de quem ela é e de quem é o outro. A orga-

»
*a fabricação do sujeito
moderno está intimamente
ligada à sua singularização,
base e convicção do
individualismo como
ideologia*

nização dos arranjos familiares e a relação entre seus membros incorporaram grande parte das descobertas feitas pela psicanálise neste século. Se, como diz Foucault¹⁴, é a subjetividade que se encarrega de interrogar os limites, os ideais e os restos que organizam as relações entre os indivíduos, talvez coubesse à psicanálise, que analisou regamente a subjetividade moderna do século anterior, desvencilhar-se de sua nostalgia e autorizar-se a encarar as mudanças, não como escombros irremediáveis de um modelo familiar idealizado, mas como novas possibilidades do viver humano.

12 C. Calligaris, *Crônicas do individualismo cotidiano*.

13 S. Freud, *op. cit.*

14 M. Foucault, *op. cit.*

Referências bibliográficas

- Ariès P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio Janeiro: Guanabara.
- Bezerra Junior B. C. (2000). A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea. In: Jobim S. (org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro.
- _____. (2002). O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: Plastino C. A. (org.) *Transgressões*. Rio de Janeiro.
- Biblioteca da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (1991). *Laço conjugal*. In: *Cadernos* (publicação interna). Porto Alegre, março.
- Calligaris C. (1996). *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática.
- _____. (2003). *Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- _____. (2004). *Terra de ninguém: 101 crônicas*. São Paulo: Publifolha.
- _____. (2008). *Quinta coluna: 101 crônicas*. São Paulo: Publifolha.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1908). *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*.
- _____. (1912). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor)*.
- _____. (1917). *O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor)*.
- Gay, p. (1999). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2000). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A paixãoterna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Haddad, G. (2006). *Reflexões sobre a manutenção do ideal de amor romântico na atualidade: um estudo sobre a fidelidade conjugal*. São Paulo: Universidade São Marcos. Dissertação de mestrado.
- Julian, p. (1997). *A feminilidade velada*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Kamers, M. *As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais*. *Estilos clin.*, dez. 2006, vol. 11, n. 21.
- Kehl, M. R. (2003). *Em defesa da família tentacular*. In: Cunha Pereira e Groeninga (orgs.). *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2001). *Lugares do masculino e do feminino na família*. In: Comparato M. C. & Monteiro D. S. F. (orgs.). *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- Roudinesco, E. (2002). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rufo, M. (2007). *Me larga! Separar-se para crescer*. São Paulo: WMF/Martins Fontes.

Family between culture and subjectivity: the role of love

Abstracts This work aims to think about new family arrangements, paradigmatic subject in actuality, related to the future of what is considered to be the basis of social organization, responsible for the transmission and integration of human beings in culture. Through a historical overview of the socio-cultural changes and their effects in standards, values and styles of living, it tries to approach changes in the construction of marital unions and the new ways of being father or mother.

Key words modernity; family; love; subjectivity; culture.

Texto recebido: 06/2008

Aprovado: 09/2008